

XVIII

CIC

XI ENPOS  
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:  
por uma ciência do devir



## ÉRA, ÉLA, CORDA: A UTILIZAÇÃO DO ACENTO GRÁFICO EM TEXTOS ESPONTÂNEOS DAS SÉRIES INICIAIS E AS RELAÇÕES COM A FONOLOGIA

**NEY, Luanda Alvariza Gomes<sup>1</sup>**

<sup>1</sup>Pedagoga, Mestranda em Educação (PPGE/FaE/UFPel) E-mail: [luagom@bol.com.br](mailto:luagom@bol.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O processo de aquisição da escrita, entendido como um movimento constante de reconstrução de saberes (PIAGET, 1972), para que seja desenvolvido de forma significativa para os sujeitos nele envolvidos, necessita de uma mediação do professor que oportunize situações favoráveis de ensino-aprendizagem. O professor, ao assumir o papel fundamental de mediador entre os sujeitos da aprendizagem e o objeto de conhecimento, deve ter se apropriado das teorias que sustentam sua prática, bem como daquelas que explicam o objeto de conhecimento a ser ensinado.

Nesse sentido, observa-se que diversos estudos realizados sobre a aquisição da escrita vêm indicando uma estreita relação entre a fonologia e a ortografia (cf. ABAURRE (1988, 1991, 2001), MIRANDA (2006, 2007, 2008)). Neste estudo, essa relação será abordada a partir da análise de dados de escrita referentes à utilização do acento gráfico pelas crianças para indicar a abertura das vogais em sua escrita inicial.

Com base nas teorias que explicam o acento prosódico em português, pode-se afirmar que a acentuação gráfica é regida por regras, ou melhor, por princípios gerativos que revelam a motivação para as regras de acentuação. A fonologia métrica (LIBERMAN & PRINCE, 1977 e HAYES, 1992), modelo para a análise das regularidades e para a fixação dos parâmetros prosódicos de cada língua, oferece meios para a caracterização dos sistemas de acento e do ritmo. Do ponto de vista da fonologia, o português, conforme Bisol (1994), é uma língua que constrói pés binários de cabeça à esquerda, partindo da borda direita da palavra. Esse tipo de pé, caracterizado como troqueu silábico, é a forma de acento prosódico predominante no português, representado, na maior parte das vezes, por palavras paroxítonas.

Esse modelo teórico oferece elementos para que se possam prever os casos em que a utilização do acento gráfico se faz necessária. De acordo com os parâmetros para o português, a necessidade de grafar o acento só existe quando se extrapola a tendência natural da língua, ou ainda quando há um pé degenerado (por exemplo, os monossílabos tônicos), parâmetro proposto por Hayes (1992).

Com o intuito de subsidiar teoricamente a prática de ensino-aprendizagem da ortografia, o estudo aqui apresentado pretende descrever, à luz da fonologia, processos de aquisição da ortografia, especificamente aqueles referentes à utilização do acento gráfico pelas crianças, observando os contextos de utilização do

acento agudo como indicativo de abertura das vogais médias baixas /O/ e /E/<sup>1</sup>. Entende-se que a análise de produções escritas de crianças pode oferecer indícios para que sejam identificadas as hipóteses que elas têm a respeito das sílabas tônicas, bem como sobre a utilização do acento ortográfico, o que pode oferecer pistas também para que se pense a respeito das relações que elas estabelecem entre o acento gráfico, o acento prosódico e os aspectos fonéticos da língua.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Este estudo parte da análise de textos espontâneos produzidos por crianças de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental, os quais pertencem ao Banco de Textos de Aquisição da Escrita da FaE/UFPel<sup>2</sup>. Para a confecção desse Banco foram realizadas coletas em duas escolas na cidade de Pelotas/RS, uma pública e outra particular, entre os anos de 2001 e 2004. As coletas contaram com diferentes oficinas de produção de textos, realizadas sempre nas mesmas turmas, e seguiam as etapas de Motivação, Instrução, Produção e Leitura. Foram feitas dez coletas em cada série, totalizando 2020 textos.

A escolha por textos espontâneos justifica-se pela riqueza de informações que esse tipo de documento fornece para análise nas pesquisas de aquisição da escrita. Segundo Morais (2006), as situações de escrita espontânea são adequadas para fomentar a dúvida ortográfica, e, ao criar seus próprios textos, as crianças escrevem todas as palavras que precisam usar para veicular os significados que estão construindo. Desse modo, as produções espontâneas permitem que a criança escreva de acordo com as suas hipóteses, evidenciando, através da grafia das palavras, correta ou não, seu nível de conhecimento ortográfico.

Para este estudo, foram analisados os textos da primeira coleta realizada em cada escola, considerando os textos de 1ª a 4ª séries, num total de 210 redações.

A forma de mapeamento inicial e classificação dos dados obedeceu a três eixos de análise: (i) palavras grafadas com acento gráfico de forma correta, como 'pé', 'três', 'lá'; (ii) palavras grafadas com acento indevido ou na sílaba trocada, como 'córda' e 'passáro'; e (iii) omissão de acento gráfico em contextos de utilização deste, como 'magica' e 'zoologico'.

Para o estudo aqui desenvolvido, foram extraídos os dados em que ocorre a grafia das vogais médias /O/ e /E/, a fim de se observar o que as crianças fazem para marcar a tonicidade das sílabas formadas com estas vogais, bem como para indicar o abaixamento destas na escrita.

## 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

---

<sup>1</sup> Letras maiúsculas serão utilizadas para representar as vogais médias baixas /O/ e /E/ uma vez que os símbolos fonéticos utilizados para representar tais fonemas podem ser desconfigurados.

<sup>2</sup> O Banco foi criado a partir do desenvolvimento do projeto intitulado *Aquisição e Desenvolvimento da Escrita: Ortografia*, coordenado pela professora Dra. Ana Ruth Miranda.

Gráfico 1 – Distribuição de erros e acertos referentes à grafia do acento agudo na vogal /O/

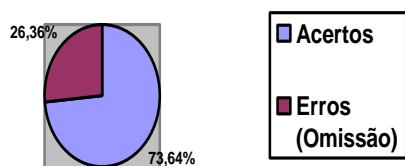
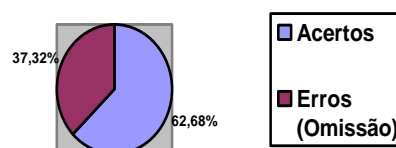


Gráfico 2 - Distribuição de erros e acertos referentes à grafia do acento agudo na vogal /E/



Os dados analisados permitem notar que, em comparação ao percentual de omissão do acento gráfico em outros contextos (47%, cf. NEY, 2009), as crianças tendem a acertar mais a grafia do acento agudo quando este, ao marcar a sílaba tônica, favorece o abaixamento das vogais médias /O/ e /E/, como se pode observar nos gráficos 1 e 2.

Câmara Jr. (1970) afirma que, na posição tônica, o sistema vocálico do português admite até sete fonemas (/a/, /e/, /E/, /i/, /o/, /O/, /u/), com exceção das vogais médias /O/ e /E/ diante de nasais que, mesmo em posição tônica, não passam pelo processo de abaixamento. Nas posições de sílaba átona, o sistema vocálico reduz-se em cinco fonemas (/a/, /e/, /i/, /o/, /u/), ocorrendo o processo de neutralização, como se pode observar nas palavras derivadas 'café' – 'cafeteira' e 'belo' – 'beleza', por exemplo. Dito de outro modo, as vogais médias de 1º grau /O/ e /E/ ocorrem fonologicamente somente em contextos de sílaba tônica.

Os exemplos em (1a) e (1b) indicam as palavras encontradas com maior frequência nos textos, revelando que para as crianças em fase de aquisição da ortografia, é mais fácil identificar a sílaba tônica juntamente com as vogais abertas, favorecendo a grafia correta do acento nas palavras:

- (1a) 'só', 'zoológico', 'hipopótamo', 'bóia', 'história', 'próprio'  
(1b) 'até', 'é', 'pé', 'José', 'café', 'Dedé'

É necessário considerar que as palavras acima fazem parte do léxico das crianças, logo, a tendência em grafar o acento corretamente também está relacionada com a memória ortográfica, isto é, com a constituição do léxico ortográfico.

Um outro dado que revela as hipóteses das crianças em relação às sílabas tônicas e à abertura das vogais é a grafia do acento indevido. Observou-se que, ao grafarem acentos indevidos, as crianças acabam por revelar hipóteses coerentes com a fonética e com a prosódia da língua, pois, na maioria desses casos, o acento é utilizado para indicar vogais abertas, como nos exemplos apresentados em (2a) e (2b):

- (2a) 'córda'  
(2b) 'Éra', 'éla', 'pérto', 'désa' (dessa), 'sobér' (souber)

#### 4. CONCLUSÕES

O uso do acento nos contextos analisados evidenciam, como afirmado, uma certa tendência de marcar a sílaba tônica nas vogais médias baixas, /O/ e /E/, neste caso indicando a diferenciação entre o som aberto e fechado das vogais 'o' e 'e'.

Esse dado, dentre os demais abordados em outras análises, leva-nos a concordar com Cagliari (2002): as crianças, falantes nativos de sua língua materna, ingressam na escola com um dado conhecimento linguístico que não pode ser desconsiderado em sala de aula. Por estarem em processo de aquisição da escrita, re-elaboram hipóteses a todo tempo, revelando diferentes estratégias de escrita que indicam os percursos cognitivos que percorrem para construir conhecimento.

Miranda (2008) também chama a atenção para esse processo, concebendo os erros das crianças como resultante de um processo de construção de conhecimento:

Esse sujeito traz consigo as condições necessárias, não apenas lingüísticas, mas também cognitivas, para interagir com a escrita, um objeto de conhecimento sobre o qual ele já tem algumas hipóteses construídas. Os erros que produz são um manancial de pistas e de informações para o professor, as quais não podem ser desperdiçadas. Temos de aprender a ver. (p.112)

Cabe aos professores estarem atentos aos dados que as crianças fornecem em sala de aula, para que possam intervir de forma adequada em cada tipo de situação.

O estudo acerca das atividades realizadas em torno do acento gráfico nas escolas é ainda um campo a ser trabalhado. Há uma lacuna a ser preenchida em relação a este conhecimento, principalmente sob o foco da fonologia, disciplina que oferece condições para que sejam entendidas as regras nada arbitrárias de acentuação gráfica, exercício que pode propiciar bons momentos de reflexão acerca do funcionamento prosódico e fonético da língua.

Acredita-se que os dados aqui mostrados, bem como a análise realizada, são apenas os primeiros passos para que os processos das crianças, que se deparam com a tarefa de entender o funcionamento do sistema de escrita de sua língua, continuem a ser desvelados, trazendo subsídios teóricos para professores de língua materna.

## 5. BIBLIOGRAFIA

ABAURRE, Maria B. M. The interplay between spontaneous writing and underlying linguistic representation. **European Journal of Psychology Education**, v III, 4o, 415-430, 1988.

\_\_\_\_\_. A relevância dos prosódicos e semânticos na elaboração de hipóteses sobre segmentação na escrita inicial. **Boletim da ABRALIN**, 1991.

\_\_\_\_\_. Dados de escrita inicial: indícios de construção da hierarquia de constituintes silábicos? In: MATZENAUER HERNANDORENA, Carmen L. (Org.) **Aquisição de língua materna e de língua estrangeira: aspectos fonético-fonológicos**. 1 ed. Pelotas: EDUCAT/ALAB, v.1, p. 63-85, 2001.

BISOL, Leda. **O acento e o pé binário**. Letras de Hoje. Porto Alegre: PUC-RS, v.29, n.4, p.25-36, 1994.

CAGLIARI, Luis Carlos. **Alfabetização & Lingüística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2002.

CÂMARA JR., Joaquim. **Estrutura da língua portuguesa**. Petrópolis: Vozes, 1970.

HAYES, Bruce. **Metrical stress theory**. UCLA, Draft. July, 1992.

LIBERMAN, Mark & PRINCE, Alan. On stress and linguistic rhythm. **Linguistic Inquiry**, Cambridge, Mass., v.8, n.2, p.249-336, 1977.

MIRANDA, Ana Ruth M. Um estudo sobre a aquisição ortográfica das vogais no português. In: **VII ANPED Sul. Seminário de Pesquisas em Educação da Região Sul**. Santa Maria. v. 1 p. 1-8, 2006.

\_\_\_\_\_. Aspectos da escrita espontânea e da sua relação com o conhecimento fonológico. **Livro do 7º ENAL**. PUC/RS, 2007.

\_\_\_\_\_. Aprendizagem e ensino da ortografia nas Séries Iniciais. In: **Trajetórias e processos de ensinar e aprender: práticas e didáticas** (Anais do XIV ENDIPE) Porto Alegre: EDIPUCRS, p.97-114, 2008.

MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: ensinar e aprender**. 4ª Ed. São Paulo: Ática, 2006.

NEY, Luanda Alvariza Gomes. Acento gráfico e acento prosódico: algumas contribuições da fonologia para o ensino-aprendizagem da ortografia nas séries iniciais. **ANAIS do VI Congresso Internacional de Educação**. UNISINOS, São Leopoldo, 2009.

PIAGET, Jean. **A epistemologia genética**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1972.